

ENTREVISTA NARRATIVA

Ouidores de vozes - da origem do movimento às perspectivas futuras: conversando com Paul Baker

Hearing voices - from the movement origins to the future perspectives: talking with Paul Baker

Ouidores de vozes - del origen del movimiento a las perspectivas futuras: conversando con Paul Baker

Pavani, Fabiane Machado¹; Wetzel, Christine²; Brum, Aline Neutzling³; Jardim, Vanda Maria da Rosa⁴

Como citar este artigo: Pavani FM, Wetzel C, Brum AN, Jardim VMR. Ouidores de vozes - da origem do movimento às perspectivas futuras: conversando com Paul Baker. J. nurs. health. 2018;8(n.esp.):e188415

Palavras-chave: Saúde mental; Voz; Terapêutica; Psicoterapia de grupo.



APRESENTAÇÃO

Esse relato originou-se a partir da entrevista com Paul Baker concedida às pesquisadoras de Grupos de Pesquisas em Saúde Mental (UFPEL/UFRGS), durante o I Congresso Nacional de Ouidores de Vozes, ocorrido em 21 e 22 de outubro de 2017 no Rio de Janeiro (RJ). O Congresso teve apoio e organização do Centro Educacional de Novas Abordagens Terapêuticas (CENAT), Instituto de Psiquiatria Brasileiro (IPUB) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A entrevista foi realizada no dia 21 na sede do IPUB, Botafogo-RJ, tendo como cenário a área de convivência do instituto.

1 Enfermeira. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: fabianepavani04@gmail.com <http://orcid.org/0000-0002-3858-8036>.

2 Enfermeira. Doutora em Enfermagem Psiquiátrica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cwetznel@ibest.com.br <http://orcid.org/0000-0002-3858-8036>.

3 Bióloga. Pós-doutora em Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: neutzling@live.de <https://orcid.org/0000-0002-9686-9602>

4 Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: vandamrjardim@gmail.com <http://orcid.org/0000-0001-8320-4321>

INTRODUÇÃO

Você ouve vozes? Conhece alguém que ouve? Certamente. Aceita conversar mais sobre isso? Esse é um convite para descobrir um outro olhar dessa experiência humana, ainda incomum no contexto brasileiro. Paul Baker em *The Voice Inside*¹ considera dois fatos importantes acerca do ouvir vozes como alucinação auditiva e o tratamento ser baseado em medicamentos: primeiro, de que nem todas as pessoas respondem a esse tipo de tratamento, e segundo que há muitas pessoas que ouvem vozes, e algumas dessas lidam bem com suas vozes, sem que recorram à intervenção psiquiátrica. E questiona se há alguma outra maneira de pensar sobre as vozes/ ouvir vozes.

Paul Baker é sociólogo e assistente social pela Universidade de Manchester e possui pós-graduação em educação comunitária. Em sua trajetória, Paul tem enfatizado seu trabalho com pessoas que ouvem vozes, sendo um dos fundadores do *Hearing-Voice Network* no Reino Unido e do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (Intervoice), no qual coordena as mídias sociais. Desenvolveu projetos na área da saúde mental em Trieste (Itália), Sérvia, Croácia, Inglaterra e País de Gales, realizando workshops em mais de 16 países, entre esses o Brasil. Atualmente, é secretário da *International Mental Health Collaborating Network* (IMHCN), rede que vem buscando introduzir uma nova abordagem para ajudar as pessoas em recuperação de problemas de saúde mental².

A ENTREVISTA

Pretendemos aqui compartilhar os relatos de Baker ao responder sobre sua trajetória no Movimento de Ouvidores de Vozes, sobre suas percepções acerca do Brasil, e seu envolvimento com o I Congresso Nacional de Ouvidores de Vozes. Esses relatos, na forma de narrativa em primeira pessoa, compõem os próximos itens desse artigo. Entendemos que as diferentes experiências de Paul, agregadas as suas reflexões críticas à psiquiatria hegemônica, possibilitam e fortalecem a construção de um novo olhar para o campo da saúde mental ao trazer para o nosso contexto a abordagem de ouvidores de vozes.

O Movimento de Ouvidores de Vozes

O seu início foi em 1988 quando, em um programa de televisão, Marius Romme - professor de Psiquiatria Social na Universidade de Limburg em Maastricht, Holanda; fundador do The Hearing Voices Movement na Holanda em 1987 e co-fundador do movimento no Reino Unido - e Patsy Hage, ouvidora de vozes, fizeram a seguinte colocação: se você ouve vozes, mas não está em contato com tratamento psiquiátrico, entre em contato com o programa, pois gostaríamos de lhe enviar um questionário. Eles tiveram 450 respostas e, a partir desses questionários, foi a primeira vez que obtiveram informações

sobre a experiência de ouvir vozes de pessoas que nunca tiveram contato com serviços. O que eles descobriram foi que as pessoas que ouvem vozes e não estão em contato com a psiquiatria conviviam bem com suas vozes. O conteúdo dessas vozes era muito parecido com as vozes de pessoas que estão em tratamento psiquiátrico, mas a natureza da relação com as vozes era diferente. Essa foi a primeira indicação para pensar sobre o relacionamento das pessoas com suas vozes e a proposta de mudá-lo.

A mídia teve um papel importante na divulgação do movimento, e além do programa de televisão, tivemos um momento muito importante, quando participamos de um documentário da BBC, um programa de ciência chamado “Horizon” e eles fizeram um episódio sobre “Human voices” o qual apresentou Ron entre outras pessoas.

Entendendo as raízes do movimento, meu envolvimento inicial até hoje é enfatizado nos direitos humanos e na justiça social. Passamos muito tempo e nos envolvemos com o mundo da psiquiatria, mas não é nosso mundo. Desde o início do movimento, tivemos a escolha de estar na psiquiatria, em que as vozes estão instituídas e poderíamos facilmente nos transformar em intervenção, e torná-la muito engessada. A maioria dos grupos de ouvidores de vozes está ocorrendo, porque pessoas, assim como Ron e eu, estabelecem conexões em diferentes países, estados, Brasil, Grécia, Itália, Austrália e outras conexões. Temos uma rede de desenvolvimento orgânica, porque a audiência realmente funciona por si só, sem burocracias. Nas primeiras vezes no Brasil, há dois anos e meio, as pessoas que ouvem vozes vieram e participaram, falando muito diretamente suas experiências em uma atividade de profunda compreensão.

Estou envolvido com o Movimento de Ouvidores de Vozes desde 1997, particularmente interessado nos relatórios de mídias sociais de apoio, principalmente o Facebook e o Twitter, guiando, monitorando os ouvidores de vozes e a cobertura da mídia. Meu interesse, no momento, é o trabalho em um novo projeto com Marius Romme voltado para pessoas que ouvem vozes que nunca passaram pela psiquiatria. Não enfatiza as pessoas em tratamento psiquiátrico, mas fora desse. Não sabemos se isso funciona, é uma nova iniciativa.

O plano é tentar organizar uma conferência em novembro do ano que vem (2018), conectando pessoas, tentando unir as pessoas, para começar essa conversa sobre: o que você experimenta ao ouvir vozes? Como você se sente? Como você é considerado pela sociedade porque ouve vozes? E o que você gostaria de mudar? É tentar dizer mais sobre as percepções sociais das vozes, das pessoas conversando sobre isso, da mesma forma que a comunidade gay nos anos 60 e 70 disse: “Ei, eu sou gay!” não esconderam essa experiência porque era considerada inválida pela sociedade e estigmatizada.

Não gosto da palavra estigma. Nós pensamos que as campanhas, mais modernas de ONGs e governos, contra o estigma foram bem-intencionadas, mas basicamente criaram o senso de "outro", o outro das pessoas: "Oh! O pobre esquizofrênico, coitadinho, seja legal com ele." Então queremos restaurar isso como uma experiência, e todos podemos estar nesse lugar um dia.

As diferentes perspectivas da experiência de ouvir vozes

Eu olho o Movimento de Ouvidores de Vozes em diferentes aspectos: algumas pessoas estão realmente orientadas por um trauma e particularmente alegando um. Penso que os psicólogos orientam para essa formulação, o que é melhor que um diagnóstico, mas ainda é uma maneira de estigma em escala.

No Movimento, onde quer que você acredite que as vozes estão, está ok, e meu papel e do Ron é ajudar a moldar o caminho. Tenho certeza que há muitas pessoas que ouvem vozes, e pensamos que qualquer encontro que chega até as pessoas que têm essa experiência, deve ser o normal. Nós nunca estivemos em uma conferência somente para profissionais, isso não faz sentido. Nós temos uma ideia simples que é: "nothing about us, without US".

Nas abordagens de ouvidores de vozes, a ideia importante é de compartilhar a responsabilidade, de "cocriar" a relação sem regras. Fazemos grupos e trabalhos individuais com pessoas que ouvem vozes tentando encontrar a linha do tempo: O que aconteceu? Que coisas significativas podem ter acontecido na sua vida, e como isso está relacionado com a maneira como você está agora? Onde você quer estar em sua vida? Qual é o seu sonho?

Também se pede que o profissional psiquiatra venha participar dessa experiência, pois para a maioria o sintoma está em um checklist: ouve vozes - sim ou não. E isso é o suficiente. Muitas pessoas que ouvem vozes podem acabar em instituições fechadas, com portas trancadas, sendo isoladas, constrangidas, e isso tudo é "retraumatizante". As pessoas medicam você, sem o seu consentimento, porque tem um diagnóstico de esquizofrenia e não está autorizado a discordar disso.

Os diagnósticos são realizados em uma entrevista com o paciente, e isso flui sem que seja perguntado se está acontecendo alguma coisa com ele. Estudos mostram que poucas pessoas foram questionadas sobre isso. Quando perguntamos às pessoas que ouvem vozes: algo aconteceu com você? Algo incomum aconteceu em sua infância? Seus pais se separaram? Você perdeu alguém importante? Você teve um longo período de internação? Você era tímida na escola? Muitas pessoas começam a ouvir vozes se algo acontece, mas não é um processo de doença, é um corpo que tenta desenvolver mecanismos para lidar com o estresse.

Outra possibilidade é o trauma trans-geracional. Temos relatos de experiências de opressão que não desaparecem em cinco gerações, se infiltram através da família. E ainda podem haver certos tipos de vulnerabilidades emocionais que as pessoas sentem, que não iriam experimentar em outros contextos.

Precisamos nos perguntar por que tantas pessoas têm problemas chamados da saúde mental hoje em comparação com o passado. Pode ser que, na verdade isso seja consequência do jeito que nós vivemos agora, essa ansiedade, tristeza, medo, tudo isso que experienciamos como consequência da forma como vivemos. São consequências de um tipo de dinâmica social. Sabe-se que essa é uma cidade muito violenta, que temos 3500 pessoas mortas a cada ano, por assassinatos e tiroteios. Mas isso acontece, principalmente, nas favelas, e não onde nós estamos, nos lugares turísticos onde há polícia. Não está acontecendo aqui, mas lá fora na encosta está acontecendo todos os dias. Mas por que isso está acontecendo? Quais são as consequências disso?

Toda vez que vou ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) vejo pessoas marginalizadas, que provavelmente não estão doentes, mas elas precisam de um lugar em que se sintam seguras. Mas para mantê-las seguras, temos que categorizá-las como sendo doentes, quando na verdade o problema não é doença, é realmente viver em circunstâncias muito difíceis. Como por exemplo, as mulheres que sofrem violência física de seus companheiros, têm medo de não saber de onde virá a sua próxima refeição, como irão cuidar de seus filhos, têm medo de seus filhos não estarem seguros, quando estão na rua. Todas essas coisas impactam.

A ideia é que podemos fazer uma mudança na interação com as pessoas que ouvem vozes. Então é muito importante trabalhar com todas as instituições: educação, saúde, cultura, - na forma de um sistema - abordagem. Nós que trabalhamos na comunidade micro, tentamos ajuda-las a serem mais resilientes e lidarem com esses problemas.

Conheço uma série de filmes sobre ouvir vozes: Healing voices, Crazy eyes, mas o melhor é o filme brasileiro do Canal Futura, Ouvidores de Vozes, que é absolutamente fantástico. É um filme que merece uma longa atenção, porque traz o ser humano para a tela. O documentário mostra que essas pessoas estão no início de suas jornadas com a experiência de ouvir vozes sob outra perspectiva, que não da psiquiatria, como por exemplo, Miriam que estava comigo em um evento em Ribeirão Preto, e falou para 500 pessoas. Ela é fantástica! Sempre vemos isso, uma grande parte disso é o processo de ativismo. Eu realmente acredito nisso e na terapia comunitária: não é uma comunidade de terapia, mas a comunidade é a terapia!

Na filme dos ouvidores de vozes, uma das pessoas mais esclarecidas que falou sobre vozes, foi o pastor da igreja espiritualista que Isabelle frequentava, quando ele disse: você sabe que as vozes estão lá, é como um rádio, apesar de

o rádio não estar ligado, o sinal está lá. Ele também diz que para muitas pessoas pode ser espiritual, mas às vezes está ligado à terra, e, se é isso, precisa de ajuda para problemas ligados à terra. O que estamos dizendo é que precisamos avançar, não medicar as vozes, mas realmente ajudar as pessoas a lidar com problemas ligados à terra, se eles são isso. Precisamos mudar como a sociedade pensa sobre as vozes, porque a psiquiatria vai seguir, mas não liderar. É por isso que estamos fazendo esse projeto, para dizer às pessoas que ouvem vozes, que não há problema em sair/falar sobre isso, o que muda todo o debate.

O Movimento de Ouvidores de Vozes no Brasil

O Congresso Nacional de Ouvidores de Vozes no Brasil está ligando muitas iniciativas, comunidades, cidades e regiões. Nos últimos três anos, eu tenho vindo para o Brasil, assim como alguns amigos e colegas membros do movimento de ouvidores de vozes para tentar encorajar essa abordagem. Ron e eu queremos simular como se desenvolve uma rede nacional, para ver como se conectam com as nações, como o Brasil, assim essas iniciativas podem se apoiar mutuamente. Fizemos isso na Austrália, Estados Unidos, e se pudermos fazer isso na América do Sul, também afeta o Uruguai, Chile, Colômbia - é um caminho a seguir. Vimos isso no Peru, mas não vimos em Portugal. Talvez o Brasil possa influenciar Portugal.

A iniciativa foi um reconhecimento, particularmente aqui no Rio, onde Octávio e Octávia têm focado mais no ouvir vozes e no desenvolvimento de uma boa discussão. Nós pensamos que é um espaço voltado para ouvidores de vozes, amigos, membros da família, trabalhadores e qualquer outra pessoa que queira se envolver, mas sempre em uma relação horizontal. Os especialistas por experiência trabalham com os especialistas pela profissão. Como os especialistas pela profissão não possuem essa experiência, devem estar preparados para estar nesse relacionamento, dando a pessoa que ouve vozes o centro.

Nós somos muito sérios quando pensamos sobre o que constitui os limites éticos de um relacionamento profissional, o que realmente significa o que chamamos metaforicamente de avental branco. Queremos que as pessoas tirem o avental branco, e isso se trata da empatia, de entender a experiência como própria, de compartilhar um pouco mais de si mesmo. Tentamos despatologizar a linguagem, a qual não é construída com base nas teorias psicológica e psiquiátrica, nós não falamos delírios, nós falamos explanação, crença, porque todo mundo tem crenças.

Percebemos que o Brasil é um país grande, e precisa ter iniciativas originais. Refletindo sobre o que eu já vi no Brasil, é que já se passou pelo processo de desinstitucionalização. Na verdade é provavelmente uma trans-

institucionalização, porque mesmo que fragmentado, e grande, o pensar a prática realmente não mudou, é o mesmo pensamento e prática. Então, é por isso que é realmente emocionante ver tantos jovens menores de 30 anos se envolvendo nisso, e que têm a oportunidade de pensar sobre como eles podem mudar a vida das pessoas com quem estão trabalhando. Isso não nos faz realmente orgânicos, em sua vida você pode ajudar dez pessoas, se você pode fazer isso é fantástico. Roberto Messina que é o diretor do serviço em Trieste diz que quer que nós sejamos uma infecção; ele quer que sejamos um vírus, para infectar o serviço.

Considerações sobre os serviços de saúde mental

Ron é muito pessimista sobre os serviços, porque eles são hierárquicos, e concordo com ele. Vamos pelo menos torna-los o menos tóxicos possíveis, porque eles existem. Os serviços são uma realidade e, do meu ponto de vista, se pudermos, como cowboys, interceptar jovens que ouvem vozes no caminho da psiquiatra, nós salvamos cinco, dez anos de suas vidas. Os psicólogos não podem mais ser servos da psiquiatria, precisam libertar-se dela e ir por seu próprio caminho e valores.

Os CAPS são maravilhosos em alguns aspectos, não há portas fechadas, trancadas, não há isolamento, contenção física; mas ainda são muito psiquiátricos, muito benzodiazepínicos, muita medicação antipsicótica, e orientados em torno do diagnóstico. O que precisamos é mudar essa perspectiva. Nós somos netos de Franco Basaglia, que fala sobre ser uma revolução permanente. É como criar uma forma de trabalhar com as comunidades, criando resiliência nesse deslocamento.

Como as instituições e estruturas são compostas por seres humanos, e eles refletem ideais, culturas e sociedades, se você tem uma sociedade muito hierárquica, isso terá reflexos nas instituições micro, incluindo os CAPS.

Uma das coisas que fazemos é pedir para ver os registros clínicos das pessoas, e quando as pessoas veem seus registros não se reconhecem: “Onde eu estou nisso? Isso não é a minha história”. Não é, é uma história clínica, precisamos que as pessoas sejam capazes de escrever suas próprias histórias. Isso significa criar novos espaços para que se aprenda sobre novos lugares e formas, é o que Ron e eu temos tentado fazer ao longo desses anos e continuamos tentando fazer.

As relações entre ouvidores de vozes e a pesquisa

Apesar de nós estarmos fazendo isso por anos, muitos cientistas, muitas pesquisas nunca se referem à influência da experiência do movimento de

ouvidores de vozes em algumas iniciativas, você não verá isso na literatura. Um exemplo é a chamada Terapia de Avatar. Essa terapia é uma nova abordagem em que as pessoas que ouvem vozes dialogam com uma representação digital (avatar) foi inventado por Julian Leff em 2008².

Frente a isso, em 2014-2015 muitas pessoas contribuíram para artigos sobre a abordagem de ouvir vozes, e uma das coisas que sempre estamos envolvidos é a proteção das pessoas (ouvidores de vozes), que devem determinar o que será pesquisado sobre as vozes e os ouvidores de vozes, e também a natureza dessa pesquisa deve ser qualitativa. O tipo de pesquisa, normal, antiga, e não-crítica, não funciona para nós. Então, como negociamos? Como criamos um diálogo com a pesquisa? Agora isso está em debate, e achamos que é importante e complicado. O que queremos que as pessoas entendam, é que isso não é apenas uma investigação psicológica, é uma antropologia, é espiritual, é histórica, é cultural.

REFERÊNCIAS

- 1 Baker P. The voice inside: a practical guide to coping with hearing voices. Toronto: Canadian Mental Health Association; 2012.
- 2 Leff J, Williams G, Huckvale MA, Arbuthnot M, Leff, AP. Computer-assisted therapy for medication-resistant auditory hallucinations: proof-of-concept study. Br j psychiatry [Internet]. 2013[cited 2018 Aug 07];202:428-33. Available from: <https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/computerassisted-therapy-for-medicationresistant-auditory-hallucinations-proofofconcept-study/AB7E2C95BCB72A3CA1092F2F2E39FC6A>

Data de publicação: 19/09/2018